

1

PEPETELA: FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA. HISTÓRIA E BIOGRAFIA

PROF. DR. SILVIO DE ALMEIDA CARVALHO FILHO¹

Neste texto, escolhemos, analisar fragmentos da trajetória de Pepetela, um dos mais importantes intelectuais angolanos da atualidade, com obras editadas em diversos países de língua portuguesa e traduzidas em vários idiomas, ou seja, um literato de renome, premiado em seu país e no estrangeiro, com uma constante intervenção social por meio de romances, artigos, entrevistas e palestras. Esse intelectual gerou uma produção literária e jornalística que interroga as demandas de seu tempo e lugar, expondo as grandes questões sociais e políticas, as relações entre os grupos sociais e as ideologias em confronto. Entendê-lo significa compreender bocados da história de Angola na segunda metade do século XX e no início do atual (SCHMIDT, 2000: 55-6). Como intelectual, Pepetela é um ser multifacetado, cuja atuação e discurso geraram reflexões que ganharam notoriedade em seu país e no estrangeiro. Encontramo-lo como um ator cultural engajado, a serviço de determinadas causas fulcrais na vida nacional angolana, agindo, mesmo que de forma nem sempre perceptível, como uma “testemunha ou consciência”, um crítico das práticas e discursos na sociedade angolana em suas diversas temporalidades. Estudá-lo supõem narrar uma biografia que intercruza com pontos nodais da história de seu país. Portanto, o conhecimento de suas vivências, tal como são por ele narradas, iluminam as relações entre seu pensamento, sua inscrição social e suas práticas, objetos mais amplos de nossa pesquisa. Analisaremos neste texto parte do primeiro depoimento a nós concedido por Pepetela em 23 de novembro de 2008.

Em nossa análise, buscamos a inserção de sua vida no contexto múltiplo no qual ela se esclarece, em razão de abordamos a sua individualidade não como o “ponto de partida da história”, mas como um resultado criado também por ela. Tentamos articular e entender as significações dos seus discursos e práticas públicas, captando os seus impactos dentro de um contexto múltiplo e específico. Perceber Pepetela enquanto membro de uma família, uma cultura, uma classe, de organizações políticas e culturais é vê-lo como o centro de uma extensa rede de interconexões extremamente densa e diversificada. Contudo, a sua atuação não se reduz ao seu contexto, pois o mesmo gerou uma enorme variedade de tendências

¹ Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: silvioacf@gmail.com

2

intelectuais. Trabalhar com seus dados biográficos demanda entrelaçar o singular e único com o geral, universal e coletivo. Essa relação constrói-se como complexa, pois se ele “é [...] criador de sua própria ação e obra histórica”, essas também o geram, emergindo como autor e produto do seu próprio contexto. Em suma, se demiurgo de seus livros, ensaios e artigos, esses também são engendrados daquilo que nomeamos como Pepetela, sendo, portanto, “filho, produto e resultado do impacto social” de seus textos, criador e criação de sua própria obra.

Entrevistado por nós, tornou-se “o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos ‘significativos’ e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência” e, quem sabe, para se dar congruência. Esse cuidado previne-nos de ter uma abordagem simplista de sua trajetória, alerta-nos a fazer falar os silêncios, restaurando-lhes a complexidade (SCHMIDT, 2000: 60; cf. 58; ROJAS, 2000: 32, cf. 15, 25, 27-28,30, 32-34, 38-41).

O encontro com Pepetela seguiu regras metodológicas da história oral, porquanto vários indícios advindos da memória possuem acesso preferencialmente por intermédio da oralidade. Estávamos, portanto, recuperando-os, constituindo arquivo gravado que permite esclarecer dúvidas ou fatos “que às vezes não têm como ser [...] elucidados de outra forma”. Serve-nos para preencher as lacunas das fontes escritas (AMADO & FERREIRA, 1996: XIV-XV, cf. XVI, XXII; BECKER, 1996: 28, 31; TOURTIER-BONAZZI, 1996: 233), assim como são iluminadas e complementadas por essas.

Na entrevista concedida, a maneira como Pepetela organizou suas experiências tornou-o simultaneamente o protagonista, o narrador e o autor de si (AVELAR, 2010: 38). Construção essa vista como uma *performace*, na qual se acredita ou que o depoente se tenta fazer acreditar como veraz o que se relata de si e do outro, mesmo que esse último seja por espelhamento. Mas quer queira ou não, eu, o autor deste texto e entrevistador naquele encontro, na medida que interpelava Pepetela a narrar sobre si e sobre os outros, era, em um segundo plano esfumado, de menor importância, sendo, mas não querendo sê-lo, um outro personagem, narrador e, de certa forma, um co-autor, mesmo que, às vezes, inconsciente, da exibição do depoente.

Pepetela, cujo nome é Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nascido em 19 de outubro de 1941 de uma família branca e burguesa da cidade angolana de Benguela, onde até 1950,

3

mais de 50% da população era mestiça. Nessa urbe, o mulato fazia parte da classe média, interligando as comunidades negras e brancas. Talvez por isso, a discriminação racial, apesar de aí existir, fosse menor que em outras paragens angolanas. Essa convivência mais intensa e racialmente menos tensa entre brancos, negros e mulatos formou as suas opções de convivência. Dessa naturalidade, vem as heranças do sul de Angola na sua literatura, abafadas pela futura proeminência de Luanda, cidade que passou a viver a partir de sua maturidade.

Sua mãe, pertencente à classe média baixa da cidade de Moçâmedes, hoje Namibe, no sul de Angola, descendia de portugueses aportados aí em 4 de agosto 1849, na intitulada Primeira Expedição para Moçâmedes (PEPETELA, 2008), escapando da perseguição a esses realizada por brasileiros em Pernambuco desde dezembro de 1847². Portanto, por parte materna, sua família estaria em Angola em torno de cinco gerações.

Seu pai, nascido em 1908, em Catumbela, importante centro comercial vizinho de Benguela, parece não ter tido uma grande influência sobre sua formação intelectual. Inicialmente, trabalhava como um guarda-livros em uma casa comercial benguelense, abastecedora do interior do país, pertencente à família da avó paterna de Artur. Sendo Benguela um importante centro piscatório, seu pai investiu em uma pequena empresa de pesca, composta por três traineiras e um pequeno estabelecimento de transformação, fornecendo farinha e óleo de peixe para a Alemanha e peixe seco para o mercado interno angolano. Essa firma permitiu custear grande parte dos estudos de Artur.

O seu pai abastado construiu uma casa nova e grande na fronteira sul da cidade em um local denominado Tanque dos Bois, onde os rebanhos bebiam água. Era, então, uma zona rural, na qual havia agricultura e onde iniciava o quimbo, a morada dos negros. Artur, portanto, habitava na fronteira entre brancos e negros, partilhando constantemente de folguedos como jogos de futebol com os últimos. Todavia, testemunhou conflitos interracialis como a repulsa dos brancos por negros que adentravam na praia onde aqueles frequentavam. Provavelmente, por esse e outros fatos, as relações interracialis permeiam seus os escritos.

² Em 4 de agosto de 1849, chegou uma expedição de 158 colonos portugueses provindos de Pernambuco, Brasil, onde não se sentiam seguros desde dezembro de 1847, quando brasileiros, pedindo a expulsão dos portugueses, passaram a ataca-los, invadindo casas comerciais, ferindo e matando. Essa expedição, pretendendo organizar na região da atual Moçâmedes uma colônia agrícola, recebeu auxílios do governo português. (Bernardino – o intelectual, o militar, o patriota, o exilado que se fez colono, “Fundador de Moçâmedes, 14/06/2006 in **Memórias e Raízes** (blog). Disponível em http://memoriaseraizes.blogspot.com.br/2006_06_01_archive.html Acesso em 1 maio 2012.

4

Por volta de 1954, tendo Artur 13 anos, Fernando Amaral, um jornalista e escritor, casado com uma tia materna, assumiu a sua formação intelectual, emprestando-lhe livros de aventuras ou policiais. Também fê-lo conhecer a poesia angolana, levando-o a escutar as declamações do poeta benguelense Aires de Almeida Santos, um mestiço, contabilista do Grêmio de Pesca de Benguela, que já fora preso em 1941 polícia colonial devido às suas ideias nacionalistas. Impactou-lhe assistir, em um almoço, esse bardo, então com trinta e dois anos ou mais, subir sobre uma mesa para declamar suas poesias e, assim, pode ouvir surpreendidamente, pela primeira vez na vida, versos nomeando goiabas e pitangas, frutas tipicamente angolanas. A poesia, até então por conhecida Artur, era a lusitana, ensinada na escola colonial, cantante de uma realidade europeia. O contato com o teor desses versos deve ter-lhe tocado o espírito para o sentimentos nativistas, senão nacionalistas. Esse fato indicia que o menino Artur estava a ter contato com um dos núcleos de brancos e mestiços benguelenses, frequentado por seu tio Fernando Amaral, adeptos das ideias independentistas ainda incipientes, fruto da revolta contra o centralismo e o autoritarismo da ditadura salazarista (AIRES, s.d.a; BIOGRAFIA, s.d.; PIMENTA, 2008a: 70; PIMENTA, 2008b:170; PEPETELA, 2008; PEPETELA, 2012; PEPETELA, 2013b).

O nacionalismo angolano foi engendrado pela retirada de participação política na governança colonial com a emergência da ditadura salazarista, existindo “de forma latente durante a maior parte” desse regime, “ganhando”, entretanto, “forte visibilidade política [...] nos momentos de crise ou de fragilidade política do poder colonial” (PIMENTA 2008b: p.141, cf. 150). Um momento de crise foi a eliminação, em 1928, “das eleições para os cargos de vogais não oficiais do Conselho Superior das Colônias”, ou seja dos eleitos pelas colônias. “O Conselho passou [...] a ser composto só por vogais natos e de nomeação do Ministro”, gerando uma “centralização da administração colonial [...] contrária às pretensões dos colonos de Angola” (PIMENTA 2008b: 149; cf. O CONSELHO..., 2009). O descontentamento político aumentou “pela descida abrupta” dos preços dos produtos coloniais” como consequência da crise mundial de 1929 (PIMENTA 2008b: 152). Esses fatores geraram em Angola, mormente em Luanda e Benguela, mobilizações mais para a derrubada de Salazar do governo que a independência colonial. Contudo, existiram entre os rebeldes, especialmente em Benguela, entre 1929 e 1930, uma minoria que emitia asserções independentistas, “um dos primeiros sinais” de nacionalismo angolano (PIMENTA 2008b: 159, cf. 157-8). Por esse fato, o *Jornal*

5

de Benguela sofreu, em 1929, forte censura das autoridades colonizadoras. Todavia, esse “pequeno grupo ‘secessionista’ não se estruturou e não exerceu ação contínua, estando conscientes de que não existiam ainda condições objetivas para independência (PIMENTA 2008b: 150 e 159). Portanto, antes mesmo de Artur Pestana dos Santos nascer, o meio branco benguelense possuía lastros anti-salazaristas e até mesmo independentistas.

O salazarismo continuou a extinguir a parcial autonomia colonial, eliminando “os vestígios da descentralização administrativa”, realizadas pela 1ª República Portuguesa, fornecedora de certa representatividade aos “civilizados” das colônias”. Essa tendência se expressou no Ato Colonial de 1930, que eliminou “todos os órgãos eletivos de representação dos colonos e assimilados”, inclusive, “os corpos municipais passaram a ser nomeados pelo Poder Central” e subordinou, categoricamente, os interesses econômicos da colônia aos da metrópole.” A essência desse documento estatal foi promulgado em 1933 na Carta Orgânica do Império Colonial Português, que, apesar de garantir uma pequena representação colonial na Assembleia Corporativa e na Assembleia Nacional de Portugal, dava-lhe um “número muito limitado de deputados”. (PIMENTA 2008b: 160-1)

Na verdade, além da linha Luanda-Malange, outras elites urbanas formada por brancos, assimilados e mestiços, em contato com portugueses liberais ou marxistas foram sensíveis, de forma clandestina, ao nacionalismo pan-angolano e antitribalista. “Os marxistas constituíam apenas uma minoria dos nacionalistas brancos, cuja maioria se reconhecia num republicanismo demoliberal”, contudo, parece-nos que os marxistas, mesmo que minoritários, eram bem ativos, pois a primeira organização nacionalista surgiu em seu meio. Todavia, o sentimento nacional permaneceu ligado à elite urbana, sem apoio das massas rurais e urbanas, estando sempre sob o olhar da polícia (PIMENTA 2008b: 138-9; cf. WHEELER & PEÉLISSIER, 2009: 235-6). Esse nacionalismo terá como um dos seus centros “os distritos de colonização branca mais antiga do centro-sul de Angola”, dentre eles, “destacamos Benguela, Huambo, Moçâmedes e Huíla”, arquitetando um sonho de uma “nação angolana como resultado do encontro das esferas europeia e africana” (PIMENTA, 2008 a: 70). Já então, “os nacionalistas brancos não se consideravam colonos portugueses em Angola, mas angolanos brancos, quando não simplesmente angolanos” (PIMENTA 2008b:138).

A esse ambiente de efervescência militante pertencia o poeta Aires de Almeida Santos, ideologicamente comprometido com os valores independentistas desde a adolescência,

6

quando fundou, com Américo de Carvalho e Sócrates Dáskalos, em Nova Lisboa (atual Huambo), por volta de 1937 ou 1938, uma associação estudantil clandestina, a Organização Socialista de Angola (O.S.A), a primeira organização “propriamente nacionalista” fundada por brancos e mestiços naturais de Angola, pois os negros estavam distantes dos estabelecimentos estudantis, no quais a organização se propagava. Apesar disso, combatia não só a desigualdade de tratamento entre os brancos metropolitanos e os “brancos de segunda”, nascidos na colônia, mas também, o trabalho contratado dos negros. A OSA, ramificada pelos estabelecimentos escolares do Huambo, Huila, Luanda e Lubango, realizava reuniões e jantares, procurando difundir clandestinamente manifestos datilografados. Em 1941, a organização foi desmantelada, ocorrendo várias prisões. (PIMENTA 2008a:70; cf. DÁSKALOS, 2000: 35-6; PIMENTA 2008b: 19, 141, 170-1; BIOGRAFIA, s.d., AIRES, 2003-2012)

Pepetela ressaltou o clima de anti-salazarismo e de incipiente nacionalismo, vivenciado em Benguela, que em sua opinião e de acordo com a historiografia vigente, “foi a única cidade de todo o Império Português” em que o candidato da oposição à Presidência da República (PEPETELA, 2013b), o “general da força aérea Humberto Delgado [...], um liberal moderado”, instigador da autonomia política entre brancos angolanos, causou uma agitação considerável por entre o eleitorado branco, assimilado e mestiços, ganhou de forma tão arrasadora a eleição de maio de 1958, que o salazarismo não pode escamotear os números da vitória. Esse foi uma outra conjuntura crítica do colonialismo em Angola, pois permitiu a mobilização e a organização política dos nacionalistas brancos, mestiços e assimilados “em grupos políticos independentistas (WHEELER & PEÉLISSIER, 2009: 216, 238; cf. PEPETELA, 2013b; PIMENTA, 2008b: 141). Segundo Pepetela, “à volta do jornal *O Intransigente* (embora o jornal em si não o espelhasse), do Sports Clube Portugal, no qual as famílias Lara e Palhares da Silva tinham influência, [...] o antirracismo praticado acabava por desembocar” em uma mudança política mais profunda (PEPETELA, 2013b). No mesmo ano de 1958, desse ambiente crioulo benguelense politicamente questionador, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, um jovem por volta dos 17 anos, tem que partir para dar continuidade aos seus estudos universitários em Lisboa. Após esse pleito eleitoral, foram enviado os primeiros destacamentos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) para vigiar a oposição, inclusive a dos brancos, frágil pela divergência nos objetivos políticos:

7

uns desejavam a “absoluta independência”, outros, uma “associação comunitária com Portugal” (WHEELER & PEÉLISSIER, 2009: 217).

O poeta e político Aires de Almeida Santos foi “deportado” de Benguela para Luanda, na década de 1950, pela polícia colonial, aonde mais tarde foi preso em 1959, fazendo parte do “Processo dos 50”. Logo, Pepetela deve tê-lo conhecido nessa mesma década antes dessa deportação para Luanda. Aires filiou-se ao Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), por volta de 1962, ao qual Artur, também, aderiu. Aires foi preso em 1962, assim o ficou por volta de treze anos, sendo solto pouco tempo antes da independência. Portanto, pertencia a mesma classe social do pai de Artur, participando da criolidade de Benguela que, com início da guerra de independência, parte vai apoiar o MPLA. Aires fixará futuramente, como Pepetela, residência em Luanda. (AIRES, 2003-2012; AIRES, s.d. a; PIMENTA, 2008b: 171; ROCHA, 2009:150-1; BIOGRAFIA, s.d.)

Pepetela, durante o seu depoimento, pontuou os seus contatos ainda adolescente com a literatura brasileira, o seu modelo literário primaz, é o Brasil e não a literatura do colonizador, possuindo, nessa relação, o seu tio Fernando Amaral como intermediário fundante. Esse lhe passou o primeiro livro que leu de Jorge Amado, cujo título julga ser *Capitães de Areia* por tê-lo tocado muito, provavelmente, por possuir, então, a idade próxima dos protagonistas da obra. Iniciava-se aí um diálogo com vários literatos brasileiros, interlocução também comum, desde fins da década de 1940, a outros intelectuais angolanos. (PEPETELA, 2008; PEPETELA, 2012; DANTAS, 2006:137-138; RIBAS, 1984: 28; GONÇALVES, 2007)

Esse tio tornou-se o mentor de suas primeiras leituras políticas, emprestando-lhe uma obra de Proudhon, sem muita esperança que o adolescente compreendesse. Inicia-se uma formação anarquista que mais tarde aprofundou-se com a leitura do Kropotkin. Esses livros iluminaram-lhe as contradições em sua sociedade, assim como o estimularam a lutar por sua transformação. Então, brotaram ideias de colocar bombas em prédios da Igreja e do Governo Colonial, mas que só ficaram em seu imaginário, veleidades essas desaprovadas por ele em sua maturidade. Contudo, herdou da ideologia anarquista a dificuldade em ter que se relacionar com os aparelhos partidários e com a burocracia, como os de modelo marxista-leninista, encontrando aí cerceamentos à sua liberdade. Recusou, talvez, por isso, quando estava na metrópole, a se filiar ao Partido Comunista Português (PCP). De certa forma, o contato com o anarquismo marcou-lhe a sensibilidade, mesmo quando se alinhou a linha

8

marxista-lenista. Construiu personagens literários simpáticos à aquela postura política, como o Comandante Sem Medo, protagonista de *Mayombe*, romance escrito durante a sua participação na guerrilha contra o colonialismo, ou como Acácio de *Yaka*, redigido no pós-independência: o primeiro, qualificado de “anarquista” por suas posturas pouco dogmáticas, o segundo, ciente de sua opção política na luta contra a propriedade privada. (PEPETELA, 2008; PEPETELA, 2013; CIONE, 2012; CARVALHO FILHO, 1994, v. 2: 588) Apesar da primeira iniciação anarquista, admitiu mais tarde entender melhor as contradições do sistema capitalista por meio do marxismo, moldando por esse grande parte da sua ótica de análise.

Por volta do início da segunda metade da década de 1950, os negócios de seu pai declinaram, pois, então, as importações alemãs de farinha de peixe, destinadas à ração para animais, estacaram por estarem contaminadas com a bactéria salmonela, assim como ocorreu uma escassez de peixe, a qual o escritor atribuiu a ação de algum fenômeno climático, como o *El Niño*. Como já dissemos, foi em 1958, em plena crise econômica dos negócios de seu pai, que Artur Carlos Pestana dos Santos partiu para Lisboa estudar, conseguindo aquele ainda pagar os estudos do filho. Tendo nessa conjuntura, tomado empréstimo bancário para comprar um grande barco, seu pai não consegue saldar o empréstimo, falindo entre 1959 e 1960. Restando-lhe trabalhar como contabilista em Bocoio³, um lugarejo próximo a Benguela. Entre 1962 e 1963, voltando para Benguela, seu pai continuou a exercer a função de contabilista em uma empresa de construção de móveis de madeira, trabalhando como tal até a sua aposentadoria aos 80 anos. (PEPETELA, 2008)

Como vários estudantes coloniais, Artur, “quando chegou a idade de seguir um curso superior, embarcou para a Metrópole” (SPÍNOLA, 2009: 32), porque, até a década de 1960, não havia ensino superior nas colônias, pois o Governo Português temia que grande número de colonizados com grau universitário fosse um celeiro de pensamento crítico anticolonial e independentista. Só depois do desencadear da guerra pela independência em Angola, visando conquistar as populações coloniais a permanecerem no Império, iniciaram-se reformas, visando sanar a crise de hegemonia do colonialismo. Uma delas, de cunho educacional, abriu cursos de estudos gerais universitários, mas que não concediam graus acadêmicos, em Angola e em Moçambique, mas mesmo essa mudança não foi uma decisão pacífica entre os políticos metropolitanos. Em suma, o regime ditatorial, implantado em Portugal desde 1926, impediu

³ Bocoio, atualmente, é um município da Província de Benguela e dista dela em torno de 104 km.

9
não apenas o diálogo democrático com a oposição metropolitana como também a possibilidade de uma descolonização negociada. Portanto, só restou aos colonizados, mesmo os de posição política moderada, assumir a guerra ou mesmo a via revolucionária como caminho para a obtenção da independência (RAMALHO, 2009: 32-3), como fez naquele momento o jovem Artur. Já cursando a Universidade na MetrÓpole, morador na Casa dos Estudantes do Império, instituição criada pelo Estado Português para receber universitários da área colonial, Artur assumiu a causa independentista, opção política sedutora para a maioria dos jovens lá residentes.

Fugindo do serviço militar nas tropas portuguesas engajadas na guerra colonial, Artur vai para França, no início da década de 1960, perdendo, a partir de então, contato com os seus pais. Aderiu a luta pela independência de seu país, dentro de um dos três grandes movimentos políticos independentistas angolanos: o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA). Já como membro desse, partiu para Argel, onde também vai estudar, subsidiado por bolsa fornecida pelo governo argelino a pedido da União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa (UGEAN). Essa organização, fundada em 1961, correspondia, no meio estudantil colonial, à solidariedade existente entre os movimentos de libertação representados na Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), criada nesse mesmo ano. A UGEAN foi criada por 31 estudantes, dos quais 22, ou seja, quase 71%, eram angolanos com uma hegemonia do MPLA. Denunciavam o colonialismo e o imperialismo, pregando a unidade dos movimentos de libertação de Angola. Pretendia, por suas ligações com a *International Student Union* (UIE), sediada em Praga na Tchecoslováquia, mobilizar suportes dentro do setor estudantil e de juventude para a causa da independência das colônias africanas portuguesas. (CLARENCE-SMITH, 1986:1, 4-5; SOMERVILLE, 1986: 123; PEPETELA, 2008; PEPETELA, 2013; GOMES, s.d., MARCUM, 1969: 160, 203-204, 306, 318)

Participante do MPLA, Pepetela via nessa organização, mais que um partido, “uma representação política de um campo cultural [...] de uma tradição de luta” e de pensamento “que influenciou decisivamente a cultura angolana atual”. Ele compreendia-o como uma frente que agrupava diversas tendências políticas de centro e de esquerda, ou mesmo de centro-esquerda. Pensava, no passado, que esse poderia permanecer como frente de três ou quatro partidos “conforme as sensibilidades”, mas que um deles seria marxista-leninista,

10

provavelmente, o hegemônico, que congregaria a maioria, sob a liderança de Agostinho Neto. Sentira-se chamado a criar e ajudar a construção do partido marxista, todavia, não quisera tornar-se membro dele, preferindo manter-se independente. Segundo seu depoimento em 2008, chegou mesmo a propor essa frente, mas percebera que a ideia era mesmo só sua. Assim, não tendo sua proposta sustentação dentro do movimento, acompanhou a tendência marxista-leninista hegemônica dentro do mesmo, situando-se no núcleo dirigente do MPLA, quando esse se tornou um partido em 1977. Entretanto, no futuro, não se sentia confortável em sair do partido, pois esse fato poderia ser visto como uma ruptura o que poderia ser tomado como uma dissensão. Incomodava-se de ter que, repetidamente, ir às reuniões de sua célula partidária, dizendo então para si mesmo: “Quando era criança obrigavam-me a ir a missa, agora me obrigam a ir a reunião da célula do partido. É a mesma coisa!” Para si, as discussões na sua célula do partido no Ministério da Educação, onde trabalhava eram pobres e repetitivas. Logo, arrumava sempre que podia uma desculpa para não frequentá-la. Suportou essa participação nas altas esferas do partido durante cinco anos, quando se sentiu um clima mais favorável para sair (PEPETELA, 2008).

Inventara para si uma missão de crítico constante e, às vezes, profético da sociedade angolana, abandonando os cargos políticos, dos quais usufruiu – e, talvez, suportou - em uma parte inicial de sua vida e, por fim, assumiu as profissões de professor e escritor, podendo abandonar a sua inserção no partido. Quiçá isso o fez para, dentro da relativa autonomia do campo literário, dar continuidade, de uma forma mais plena, ao ato inaugural que, a partir de *Muana Puó*, sua primeira obra literária, lavrada em 1969, o tornara escritor. Pepetela constitui-se historicamente na tentativa de superação das antinomias existentes entre a busca de autonomia e o engajamento, entre a vida cultural e a político-partidária. Parece-nos que, liberto das sujeições da vida partidária, pode gozar de maior independência em relação aos poderes propriamente políticos. Então, passou a lidar intensamente com os costumes e o *modus operandi* do campo literário, para que, com a autoridade nele adquirida, pudesse analisar mais livremente a política e a sociedade do que quando exercia cargos no MPLA. Em algum momento em sua vida, foi mais um político que literato, mas subjazendo esse aspecto, aflorou o escritor, passando a intervir no campo político-social com as armas da literatura, não mais as partidárias. Cumprindo uma das principais atuações dos intelectuais, Pepetela

11

relacionou profundamente a sua obra literária à política (BOURDIEU, 1996: 152; GRAMSCI, 2004, v. 1: 101 e 449).

Nessa entrevista, Pepetela constatou ter o MPLA vivido uma série de contradições. Mesmo tornando-se marxista-leninista, teve que admitir internamente configurações culturais que estavam além dessa ortodoxia, por isso manteve uma série de dirigentes religiosos quando, como partido, apontava o ateísmo como ideal. Seguindo uma tradição marxista-leninista, que se quis libertária em relação à mulher, condenara a poligamia, de raiz africana, contudo manteve dentro de seus quadros vários polígamos.

Depois de uma longa convivência no poder, Pepetela, como outros intelectuais angolanos coetâneos, encontrou na literatura um desaguadouro para a sua verve crítica aos regimes políticos angolanos. Em toda situação, revelou uma presente desconfiança em relação às estruturas partidárias, assim como sua postura rebelde e de viés, que, às vezes, ele mesmo intitulava de anarquista. Apesar de pertencer ao MPLA até 1983, Pepetela, já antes dessa data, realizara críticas às práticas dos partidos em *Mayombe* (1980). Admitia, entretanto, que a ala crítica nesse movimento, muitas vezes, quando atingia às cúpulas do poder partidário, acomodava-se à linha oficial, sem rupturas. Essa capacidade de contestação emergiu em *O Cão e os Caluandas* que, apesar de publicado em 1985, fora escrito, segundo o autor, em 1979 e 1980, quando ainda estava nas fileiras partidárias e governamentais. Mas essa característica não é uma idiosincrasia sua, pois o romance encontrava-se articulado com a primeira onda de textos literários satíricos do dito “socialismo angolano”, cujos autores também pertenciam ao partido: *Quem me dera ser onda* de Manuel Rui (1982) e *Mbanza do Miranda* de Arnaldo Santos (1985) (PEPETELA, 2008a). Sua ironia continuou mais corrosiva após aquela data, como provam seus livros *A Geração da Utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995) e *Predadores* (2005). Contudo, apesar de ter se retirado dessa agremiação política, manteve uma profunda relação afetiva com várias pessoas que ainda permaneciam no MPLA e com outras que, como ele, também saíram. Algumas dessas últimas foram para pequenos partidos, o que não seguido por Pepetela (PEPETELA, 2008a, PEPETELA, 2008b).

Como um ser criativo e plural, Pepetela estava consciente de sê-lo também no mundo literário, por isso gostava de variar a sua poética ao escrever suas histórias.

12

Caro leitor, esses fragmentos de vida aqui relatados faz-nos perceber a riqueza em se estudar a relação entre sua vida e obra e nos incita ir mais além: a ver as coerências e dissonâncias entre elas. Mas, isso será em outro momento!

Fontes e Referências Biográficas:

AIRES de Almeida Santos. **Infopédia**. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$aires-de-almeida-santos](http://www.infopedia.pt/$aires-de-almeida-santos). Acesso: 15 jul. 2012.

AIRES de Almeida Santos. s.d. Disponível em: <http://betogomes.sites.uol.com.br/AiresdeAlmeidaSantos.htm>. Acesso em 14 de julho de 2012.

AVELAR, Alexandre de Sá. Subjetividades contemporâneas e escrita biográfica: limites, desafios e possibilidades. **História Oral**, v. 13, n. 2, p. 33-51, jul.-dez. 2010.

BIOGRAFIA atualizada de Aires de Almeida Santos. s.d. União de Escritores Angolanos (UEA). **Angolaxyami.com. Informação e Reflexão**. Disponível em: <http://forum.angolaxyami.com/poesia-angolana/12159-biografia-actualizada-de-aires-de-almeida-santos-uea-uniao-de-escritores-angolanos.html> Acesso: 14 jul. 2012.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. 1994. **Angola: Nação e Literatura (1975-1985)**. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2 v. 761 p.

CIONE, Vinicius Melleu. 2012. A luta anticolonial angolana em Luandino e Pepetela. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano 5, n. 9, Julho/2012. Disponível em: <https://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa-09/a-luta-anticolonial-angolana-em-luandino-e-pepetela> Acesso em 14 fev. 2013.

DANTAS, Elisalva Madrugada. 2006. Brasil-Angola e suas intersecções culturais. In: CHAVES, Rita, SECCO, Carmen, MACÊDO, Tania. **Brasil/África: Como se o mar fosse mentira**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde. p. 129-144.

DÁSKALOS, Sócrates. 2000. **Um testemunho para a História de Angola**. Do Huambo ao Huambo. Lisboa: Editora Vega.

GOMES, Manuel C.. s.d. **Nascimento da União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa** (UGEAN). Disponível em: <https://sites.google.com/site/salamcg/lusofonias/amilcar-cabral> Acesso em 19 de fevereiro de 2013.

GONÇALVES, Jonuel. 2007. Presença do Brasil na literatura angolana. **Algo a dizer**. (revista eletrônica) Edição 3. Novembro de 2007. Disponível em: <http://algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MaterialID=46> Acesso em 15 fev. 2013.

GUERRA, João Paulo. 2009. **Descolonização Portuguesa**. O regresso das caravelas. Alfragide/Portugal: Oficina do Livro.

MARCUM, John. 1969. **The Angolan Revolution**. The Anatomy of an Explosion (1950-1962). Cambridge, Massachusetts, Londres: The Massachusetts Institute of Technology, v.1.

MENDES, António Martins. 2005. Pescas em Portugal: Ultramar - um apontamento histórico. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**. Lisboa, v. 100, n. 553-554, jan./jul. 2005, p. 17-32. Disponível em: http://www.fmv.utl.pt/spcv/PDF/pdf3_2005/100_17-32.pdf Acesso em: 29 jun. 2012.

MESSIANT, Christine. 1997. “Em Angola, até o passado é imprevisível”. A experiência de uma investigação sobre o nacionalismo angolano e, em particular, o MPLA: fontes, crítica,

13

necessidades actuais da investigação. In: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. **Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola**. Construindo o passado angolano: As fontes e a sua interpretação. Luanda: Arquivo Nacional. p. 803-859.

O CONSELHO do Império Colonial/Conselho Ultramarino sob o signo do Estado Novo (1935-1974). 2009. **Saber Tropical Knowledge**. Seção: Notícias. Publicado em 02 de nov. 2009. Disponível em <http://www2.iict.pt/?idc=6&idi=15367> Acesso em: 31 maio 2013.

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). 2008a. **Entrevista**. Entrevista concedida a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 23 de novembro de 2008. Rio de Janeiro: (UFRJ/UERJ) (fita magnética e transcrição).

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). 2008b. **Curriculum Vitae**. (Anexo da Correspondência eletrônica a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 01 set. 2008).

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). 2012. **Correspondência eletrônica** a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 13 jul. 2012.

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). 2013b. **Correspondência eletrônica** a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 07 de maio de 2013.

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). 2013a. **Correspondência eletrônica** enviada a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 18 de fevereiro de 2013.

PIMENTA, Fernando Tavares. 2008a. Nacionalismo euro-africano em Angola. Uma Nova Lusitânia? In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (coord.) **Comunidades Imaginadas. Nação e Nacionalismos em África**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

PIMENTA, Fernando Tavares. 2008b. **Angola, os Brancos e a Independência**. Porto: Afrontamento.

PINTO, Marcelo Bittencourt Ivair. 2008. **“Estamos juntos!” O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)**. v. 1. Luanda: Kilombelombe.

RAMALHO, Vítor apud GUERRA, João Paulo. 2009. **Descolonização Portuguesa**. O regresso das caravelas. Alfragide/Portugal: Oficina do Livro.

RIBAS, Óscar. 1984. Entrevista a Michel Laban em 31 de julho de 1984 em Alcoitão. In: LABAN, Michel (org.). s. d. **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1, p. 7-43.

ROCHA, Edmundo. 2009. **Angola. Contribuição ao Estudo da Gênese do Nacionalismo Moderno Angolano (período de 1950-1964)**. (Testemunho e estudo documental). 2 ed. Lisboa: DINALIVRO.

SPÍNOLA, António apud GUERRA, João Paulo. 2009. **Descolonização Portuguesa**. O regresso das caravelas. Alfragide/Portugal: Oficina do Livro.

VAN-DÚNEM, Domingos. 1984. Entrevista a Michel Laban em 31 de outubro de 1984 em Paris. In: LABAN, Michel (org.). s. d. **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto: v. 1, p. 183-227.

WHELER, Douglas & PÉLISSIER, René. 2009. **História de Angola**. Lisboa, Tinta da China.